Alessandra Kelly Tavares de Oliveira

Do grito ao silêncio: uma análise da produção discursiva de mulheres negras de coletivos feministas da periferia de São Paulo

Projeto de pesquisa apresentado para o processo de seleção de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo.
Orientadora Indicada: Laura Moutinho

São Paulo
2017

1. Título: Do grito ao silêncio: uma análise da produção discursiva de mulheres negras de coletivos feministas da periferia de São Paulo.

2. Resumo

Este projeto tem por finalidade investigar a recente produção de mulheres negras associadas aos coletivos de mulheres da periferia de São Paulo, em especial na zona sul. A ênfase recairá sobre as disputas discursivas que essas mulheres produzem acerca de suas existências e vivências no mundo, destacando-se a denúncia de um suposto silenciamento. Esta pesquisa se dará por meio de uma etnografia de eventos como construção de espaços/tempo produzidos por e para mulheres negras e entrevistas com as mesmas com propósito entender quais discursos e práticas que orbitam, produzem e reproduzem este suposto silenciamento em seu cotidiano.

3. Apresentação

> *Quando elas deram sete voltas na árvore não deixaram nada da história pra trás como os caçadores armados pretendiam. Ao contrário, o olhar dos últimos dias, antes da travessia da calunga, guardou tudo que coube no coração e o que não coube a memória refez na chegada. Algumas pularam na água antes de chegarem ao navio e puxaram outras e todas foram afogadas pelo desespero, outras morreram de dor, fome, mágoa e doença na travessia. Aquelas que guardaram o silêncio que reconstrói a vida conseguiram sobreviver. Parece que durante o silêncio o tempo pára e te espera. Aquelas mulheres tinham tudo pra falar e não podiam gritar, então o silêncio falou por elas, não podiam cantar por isso a dor se instalou. As mulheres descendentes delas aprenderam a praticar o silêncio por medo, solidão, tristeza e desespero. Aprenderam a calar a voz e adoeceram caladas. Morreram tristes e sozinhas. Existe um silêncio imposto a nós, no fundo de todas as nossas doenças, são muitos nós, nódulos e tumores da voz negada e da desconfiança da nossa palavra. O mundo não nos enxerga e devoramos toda a comida do mundo e crescemos para os lados para nos tornarmos grandes e visíveis a um mundo que insiste em não nos notar. Adoecemos com a rejeição às nossas formas de ser e de viver, adoecemos quando abandonadas por conta das formas do nosso corpo, dos tons da nossa pele, da textura dos nossos cabelos. Adoecemos porque nos sentimos frágeis, mas, ainda assim, nos responsabilizamos por todos que estão a nossa volta. Temos muita prática em cuidar, pouco sabemos ser cuidadas. Não saber ser amada não pode uma sina, uma maldição. Merecemos o silêncio acalanto da escolha, o silêncio da oração, da concentração, da cura. Merecemos o*

silêncio íntimo de onde brota o canto de louvor e alegria à beleza.
Merecemos o silêncio para encontrarmos a nossa alma.[1]

Este texto abre o espetáculo Sangoma, da Cia Capulanas de Arte Negra, grupo de mulheres negras da periferia da zona sul de São Paulo, estreado em agosto de 2015. Durante todo o espetáculo um silêncio marcava simultaneamente a formalidade da ocasião e um ar emocionado, acompanhado por lágrimas que reapareciam durante as histórias. Apesar de o tema ser a saúde da mulher negra, o silenciamento foi escolhido como fio condutor da encenação, que se ambientava numa casa.

A cenografia e proposta cênica buscavam uma exploração de todos os espaços da casa, oferecendo um ambiente acolhedor, que produzia identificações e acionava memórias do público. Entre goteiras, retratos de casamento, crianças, quintais, flores, ervas, móveis velhos e panos de crochê, os objetos criavam uma atmosfera carregada de elementos da experiência de pobreza, de racialização, de exclusão, principalmente, de gênero.

Por meio da história de seis mulheres que narram suas dores e processos de ressignificação de suas trajetórias, a peça de teatro continha momentos que iam da auto-revelação ao segredo, experiências de revolta e vergonha, perdas e lutos. O desenrolar do enredo levava todas as mulheres a partilharem uma mesma casa como espaço potencial de vida e de construção de si a partir do rompimento do silêncio e da partilha das histórias.

O espetáculo nos serve de abertura para compreender o momento político e o atual cenário em que vivem e lutam mulheres negras da zona sul de São Paulo. Apesar da persistência das desigualdades sociais atreladas a raça, existe uma presença cada vez maior de mulheres negras em espaços de prestígio público. Nas primeiras décadas deste século, presenciamos um crescimento da presença destas mulheres nos mais variados campos da sociedade, tais como no Ensino Superior e no mercado de trabalho formal (IPEA, 2013). Acompanhado por outros campos, como na arte e na cena política, este crescimento também está atrelado a um vertiginoso surgimento de coletivos de mulheres negras que têm por objetivo oferecer maior visibilidade às produções, questões e discursos destas mulheres[2].

---

[1] DA SILVA, Cidinha, Travessia. Elaborado para o espetáculo Sangoma da Cia Capulana de Arte Negra, 2015.

[2] A síntese de algumas dessas questões acerca de ativismos de mulheres negras na América Latina consta nas obra de Sueli Carneiro, 2003 e de Raquel de Andrade Barreto, 2005.

O crescente debate que esses coletivos têm realizado vem acompanhado de outras compreensões sobre como marcadores de raça, gênero e classe operam na singularidade de suas vivências. Desse modo, temas atrelados à experiência das mulheres negras e à sua relação com o mundo, bem como à formação de sua subjetividade, se antes eram pouco investigados, passam a ganhar destaque em novas produções na antropologia, especialmente aquelas voltadas à reflexão sobre marcadores sociais da diferença (MOUTINHO, 2014; MOUTINHO, ALVES e CARMO, 2016). Recentemente, trabalhos sobre as relações afetivo-sexuais vêm cunhando nova terminologia para compreensão das vivências afetivas das mulheres negras, como o termo "solidão da mulher negra", "invisibilidade", "silenciamento", entre outros. Este processo tem início no movimento negro e feminista e, posteriormente, ganha bastante repercussão em produções acadêmicas como nas análises de Laura Moutinho (2004), Claudete Alves da Silva Souza (2008) e Ana Cláudia Lemos Pacheco (2008)[3].

Tanto os discursos produzidos pelos movimentos, quanto as pesquisas acima citadas, destacam que as vivências de mulheres negras – entendendo-as como experiências objetivas e subjetivas, experimentadas em ou a partir de um corpo marcado por gênero e raça – não se restringiriam a uma experiência meramente individual. Seriam estabelecidas na dimensão interpessoal, permeada por repertórios de possibilidades, expectativas e padrões e, como tais, sujeitas às recorrências e variabilidades dos contextos e das relações de poder nas quais elas estão inseridas. Em certo sentido, podemos ler esse cenário, com Stuart Hall (1997), na chave da construção de identidades. Mas acredito que há ainda outros elementos a se destacar.

Nas produções recentes de mulheres negras e também nos seus espaços de fala é recorrente a denúncia do silenciamento, que também aparecem em outras obras literárias, artísticas e cinematográficas. Podemos encontrar expressão desse silêncio, por exemplo, em livros como *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo ou filmes como *Kbela* e *Elenkô*, mas, também nos espaços de encontro e produção de discursos sobre

[3] No limite, pode-se dizer que essas questões não são necessariamente novas por si, e podem ser investigadas, formuladas em outros termos, em reflexões antropológicas clássicas sobre relações raciais no Brasil, tais como em Florestan Fernandes (1964) ou mesmo Gilberto Freyre (1933). A novidade, possivelmente, é sua elaboração a partir do ponto de vista dessas mulheres, bem como sua enunciação por uma linguagem desenvolvida a partir de suas interlocuções e reflexões acerca de suas próprias experiências.

si ou nas marchas, atos e manifestos[4]. Estas mulheres, ao ocuparem a cena pública e impostarem com suas vozes a denúncia desse silêncio, parecem dar consequências essa condição para além da impossibilidade objetiva de ser escutada. Em um contexto permeado por estruturas desiguais de poder e processos sociais de corporificação de marcadores sociais de gênero e raça, as vozes desses sujeitos parecem interpelar a cena pública de modo a não apenas denunciar o silêncio, mas também refletir sobre a impossibilidade subjetiva de vocalização.

Parto da hipótese de que, de alguma forma, esses discursos não apenas qualificam os vários corpos negros de que partem e que agrupam, mas também manifestam a tentativa de estabelecer um reencontro e, ao mesmo tempo, uma reconstrução de uma imagem perdida, estabelecendo para si um lugar específico no mundo, partir de uma re-significação de suas próprias histórias, dores, lutos e perdas. Destaco esta como outra característica definidora da produção destes discursos que tomam o coletivo como unidade onde se é possível tal elaboração discursiva, afinal, não se aponta um silenciamento singular, individual, mas partilhado. Da mesma forma, não se trata, porém, de qualquer coletivo, e sim aquele formado por referências comuns de raça e gênero.

Estas hipóteses são fruto de minhas participações em encontros feministas e, principalmente, de mulheres negras, mas também das leituras na disciplina de Antropologia das Emoções, ministrada por Laura Moutinho em 2016. Foi a partir das leituras realizadas nesta disciplina e a observação dessas reuniões que formulei algumas das questões que orientam este projeto de pesquisa

3.1. Minha entrada no campo

A primeira vez que este tema apareceu para mim foi em 2012, quando o Coletivo Rosas[5] lançou uma mostra cultural de mesmo nome, com o objetivo de trazer para o debate o feminismo de mulheres de periferia. O horizonte dessa ação era fortalecer o ativismo feminista na zona sul de São Paulo, até então tímido. Tratava-se

---

[4] Por exemplo, a Marcha das Mulheres Negras, Festival Afrolatinidade, Marchas do Mulher Negra Latina e Caribenha, Macha do Orgulho Crespo, Ato contra a música trepadeira do Emicida, Manifesto das mulheres negras e outros.

[5] O coletivo nasce em 2012 com a proposta de fomentar ações culturais de mulheres na periferia da zona sul de São Paulo realizando a I Mostra das Rosas: Feminismo em Foco que depois, passou a denominar-se em 2015 como Coletivo Fala Guerreira.

de um espaço do qual, na época, eu não fazia parte diretamente. Muitas mulheres foram à mostra cultural que teve em sua abertura a poesia/manifesto da poetisa negra Jenyffer Nascimento, feita especialmente para o encontro:

> Tenho um grito entalado na garganta.
> Um grito longo, fino, estridente,
> Um grito dolorido, abafado.
> Um grito de mulher.
> Feminismo?
> Não sabia nem o que era.
> E mesmo antes de saber
> O grito já estava lá.
> Sempre esteve
> Sufocado.
> (...)
> Carrego comigo o legado
> De minha mãe, de minha avó
> E de tantas outras que me antecederam.
> O grito que carrego também é delas. (...)[6]

Ao fim da poesia, muitos gritos foram entoados e o público, majoritariamente feminino, foi ao êxtase. As próximas convidadas discursaram sobre a colocação de mulheres negras e pobres num lugar negligenciado, sobre a falta de escuta, a invisibilidade e o silêncio. Tratava-se de um evento realizado exclusivamente por e para mulheres, no qual, apesar dos espaços de fala, oferecendo diversas possibilidades de expressão, mesmo que aos gritos, pairava certa nuvem, sombra, algo não dito. Toda fala guardava um silêncio e que trazia em si uma denúncia. Sobre o que esse silêncio falava, na época, não era uma pergunta para mim.

Outras vezes, o debate em torno do silenciamento de mulheres negras me chamou atenção, principalmente em agosto de 2015, quando a Cia Capulanas de Arte Negra, grupo de teatro composto por mulheres negras, estreou de seu espetáculo Sangoma. A peça, ao discutir a saúde de mulheres negras, relacionava o silêncio como origem de suas doenças, texto que reproduzi na abertura desta proposta de investigação. O silenciamento aparece no discurso dessas mulheres, principalmente, ligado a três fatores fundamentais ou conceitos êmicos: uma *ancestralidade* muito próxima de uma memória corporal do passado escravista; uma *experiência transgeracional*, visto que as gerações passadas, mães e avós, são evocadas; e, por fim, uma *permanente travessia*, descrita pela imagem da diáspora, como metáfora de deslocamento, criação e recriação do cotidiano.

---

[6] NASCIMENTO, Jenyffer. O grito in Terra Fértil. Ed. da Autora, 2014.

A partir de então, comecei a perceber com mais ênfase o discurso sobre o silenciamento da mulher negra, e assim, o tema passou a ser recorrente aos meus ouvidos e olhos. Passei a tomar atenção de sua indicação nos movimentos sociais, fóruns com temática racial, grupo de mulheres, feministas e lésbicos. Fui percebendo que as ações políticas e debates estão propondo uma agenda de visibilidade para estas mulheres, mas o uso do termo *rompimento do silenciamento* ainda aparece de forma muito genérico e diz pouco sobre a vivência nesta condição.

4. O campo, o estado da questão e pertinência da pesquisa

A década de 1980 foi um período importante do ponto de vista da mobilização política e da produção de conhecimento sobre as especificidades das mulheres negras, realizado principalmente, por meio da influência do "feminismo negro" brasileiro, como afirma Pacheco (2008). No campo acadêmico, surgiram importantes trabalhos científicos sobre a mulher negra brasileira, que romperam com abordagens mais estigmatizadas e com a cristalização dos papéis sociais e estereótipos de mulata ou doméstica (MOUTINHO, 2004). Tais pesquisas apontaram para a importância de se levar em consideração os marcadores de gênero e raça nas produções tanto do campo dos estudos feministas, como das relações raciais. Conforma afirma Pacheco (2008), constatava-se uma ausência significativa destes temas cruzados nas áreas anteriormente citadas. Contudo, é nesta época também que mulheres negras aparecem como sujeitos da pesquisa e não somente como seus objetos.

É interessante pensar que esta questão era negligenciada tanto pelos estudos raciais, quanto os sobre gênero antes deste período, pois cada campo preocupava-se com a experiência construída por um dos marcadores: por um lado a experiência do homem negro seria a medida para se entender a raça, enquanto a experiência da mulher branca configuraria a questão de gênero (GONZALEZ, 1988). Assim, a especificidade das mulheres negras, marcadas exatamente pela justaposição destes marcadores sociais, acabava por ser ignorada.

Conforme afirma Henrietta Moore (2000), pensar nestas relações implica "que essas formas da diferença estão mutuamente imbricadas, e que, embora possamos falar de prioridades ou determinações entre conjuntos de diferenças, devemos estar

cientes de que elas nunca poderão ser cabalmente separadas entre si" (MOORE, 2000: 16).

Para Lélia Gonzalez (1988), é preciso, antes de tudo, considerar que, no Brasil, opera-se num sistema de dominação estruturado no discurso da mestiçagem, integração e democracia racial[7] como forma de apaziguamento do passado escravista. Segundo ela, não se trata apenas de uma discriminação efetiva. Estaria presente um racismo cultural que operaria através de representações mentais que levaria tanto algozes quanto suas vítimas, a considerar natural o papel subordinado das mulheres negras.

Para Kimberlè Crenshaw (2002) é preciso garantir que as questões de cor, gênero e classe, sejam consideradas mutuamente, e não de uma maneira excludente de um aspecto ou outro: incorporar a questão racial, no gênero, e a questão de gênero na racial. Isso significa que é preciso abordar as diferenças, dentro da diferença. Junto a essa autora, uma série de trabalhos recentes têm se organizado pela noção de interseccionalidade, seguindo a recomendação de compreender a diferença pela articulação de variados eixos, tais como a classe, raça, orientação sexual, identidade de gênero, deficiências e etc. Trata-se de observar como esses fatores se combinam e configuram condições de vida contribuindo para diferentes tipos violência e discriminação, bem como abrindo margens de manobra e agência (MOUTINHO: 2014).

Desta forma, a interseccionalidade pode ser uma maneira de capturar as consequências da interação entre dois ou mais sistemas de hierarquia. O machismo é um eixo de subordinação que atravessa a vida das mulheres, no entanto, a herança escravocrata ensinou à mulher negra um lugar de servidão que não é o mesmo em relação a mulheres brancas. À mulher negra é atribuída uma condição de rebaixamento não só pelo seu gênero, mas pela sua cor. Ao mesmo tempo, a reflexão sobre a experiência de opressão também vem abrindo a possibilidade de lidar com um

[7] Cabe salientar que a discussão sobre mestiçagem e democracia racial possui uma vasta bibliografia configurando-se num tema clássico da reflexão antropológica. Laura Montinho (2004) realiza uma articulação importante das obras As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil (1891) de Nina Rodrigues; A evolução do povo brasileiro (1923) de Oliveira Vianna; Retrato do Brasil (1928) de Paulo Prado; Casa Grande & Senzala (1933) de Gilberto Freyre e Raízes do Brasil (1936) de Sérgio Buarque de Holanda evidenciando com as mesmas concebem de modo distinto a miscigenação colocando-a também numa disputa de prestígio social. Outras obras oferecem repertórios significativos para pensar estas relações raciais, como Lilia Schwarcz (1993) O espetáculo das raças; Antonio Sérgio Guimarães (1995) Racismo e anti-racismo no Brasil e Peter Fry (2005) A persistência da raça: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral, contudo neste momento, restrinjo-me apenas a situar o amplo debate e a sua pertinência para minha proposta de investigação.

passado de dor na produção de compressões sofisticadas acerca das opressões e da sociedade (MOUTINHO, 2014).

Em estudo recente o IPEA aponta que as mulheres ocupam posição de desvantagem econômica, social e cultural com relação a homens negros e a mulheres brancas. Contudo, quais impactos subjetivos acompanham tal posição? Não podemos considerar estas construções estruturais distante de práticas culturais e históricas.

Assim como em outras dinâmicas da vida social, também nas experiências afetivas e relacionais, as mulheres negras não podem ser descorporificadas e sair de seu contexto específico, no qual as relações de dominação formam os alicerces de sua constituição. Foi sobre os corpos negros de homens e, principalmente, de mulheres que, no processo de escravização e pós-abolição, edificaram-se empreendimentos da máquina colonizadora (SOUZA, 2008).

O corpo concebido como universal e a-histórico, não cabe à compreensão da experiência das mulheres negras, pois deve-se ter em vista que o projeto colonizador realiza a encarnação da raça, como afirma Fassin (2011) tal como os projetos racias, nas palavras de Michael Omi e Howard Winant (1994)[8]. Poderíamos entender a mestiçagem e democracia racial como pensamento hegemônico que forma projetos raciais hegemônicos. Neste último sentido, e entendendo que a formação racial engloba outros projetos raciais em constante disputa como apontam Michael Omi e Howard Winant (1994), haveria outros projetos que construiriam discursos contra-hegemônicos? Estes coletivos de mulheres negras não estariam produzindo outro discurso ao denunciarem o silenciamento?

Fassin, entendendo a racialização como um processo, aproxima as categorias raça e corpo buscando analisar os processos através dos quais raça é encarnada e corpo racializado. Fazendo o uso de Merleau Ponty, segundo o qual, o corpo é o veículo de ser no mundo, isto é, ele não é exterior a mim, mas sim o que percebo dele. E tal percepção, embora embutida na história, também a produz.

> (...) contra uma visão puramente objetivista, deve-se recordar que a apreensão do mundo é sempre um fato de um sujeito; contra uma visão meramente subjetivista, deve-se ter em mente que a fisicalidade de um corpo é o que produz possível percepção.

[8] Neste debate sobre corpo, não ignoro as reflexões de Marcel Mauss (1974) acerca da plasticidade dos corpos humanos e seu cultivo por técnicas socialmente aprendidas, ou a clássica reflexão de Robert Hertz (1980) sobre a "preeminência da mão direita", que nos sugere que os corpos são sempre constituídos por hierarquias. O que sugiro com a bibliografia indicada é mobilizar autores que lidam de modo mais expresso com questões raciais e coloniais na compressão do corpo.

(tradução livre. FASSIN, 2011: 428)[9]

Assim, para Fassin, o corpo é precisamente onde a violência da racialização é exercida, experimentada e performatizada. Essa articulação entre corpo objetivo e subjetivo revelaria, segundo o autor, a condição histórica e estrutural da experiência. Consequentemente, se produz uma condição social de racialização que perpassa as estruturas sociais produzindo determinadas experiências corporais.

Em sintonia com esta concepção, Beatriz do Nascimento (RATTS, 2007), concebe o corpo negro como um corpo-documento, pois sua experiência presente remonta e recria sua experiência histórica na medida em que seu corpo comunica e interage socialmente por meio da condição histórica experiencial de escravização. Assim, a experiência do racismo, vivida no corpo e na vida cotidiana, é construída a partir de uma perspectiva do tempo, onde passado e presente estão articulados.

Para a autora, esta memória perpassa tanto uma experiência transgeracional quanto uma experiência ancestral a respeito das diásporas, que marcam os territórios e a forma como os grupos sociais se rearranjam culturalmente nestes novos espaços. Fala-se de um momento diferente daquele no qual a residência era percebida como a base local da vida coletiva e a viagem, apenas um suplemento. Remete-se a um tempo no qual,os deslocamentos – e a relação com os novos espaços – podem significar um aspecto complexo e abarcador das experiências humanas.

Desta forma, pode-se reconhecer como os discursos de ideologias raciais e de gênero são estruturantes na produção de um tipo de corpo, gerando, automaticamente, uma forma específica de relação social, que orquestram um conjunto de práticas corporais racializadas vividas pelo gênero, na sexualidade, no trabalho, na afetividade e em outros lugares sociais que são "destinados" às mulheres negras.

Essa percepção da racialização no presente é feita a partir de um corpo que vive a atribuição da raça e do estigma, a partir deste corpo que também tem a capacidade de lembrar. E, assim, como na epígrafe, afirma Cidinha na Silva, um corpo que carrega uma memória, um trauma transgeracional, um entrecruzamento de experiências corporais de gênero e raça. Contudo, trata-se de uma experiência específica que entrelaça estas duas dimensões e não apenas representa a soma das duas.

[9] No original, "(…) against a purely objectiv- ist view, one must recall that the apprehension of the world is always the fact of a subject; against a merely subjectivist vision, one should bear in mind that the physicality of the body is what makes perception possible". (FASSIN, 2011: 428)

Dentro deste emaranhado de relações e na dinâmica de atuação das mulheres negras no cotidiano, algumas referências nos sugerem caminhos para a compreensão do fenômeno da denúncia do silenciamento. Trabalhos recentes de ativistas e antropólogas oferecem o suporte para a construção da hipótese deste projeto com Grace Cho (2008), Veena Das (2011:1999), Audre Lorde (1980) e bell hooks[10] (2006) nos apresentando algumas perspectivas que, na ausência de trabalhos sobre o contexto brasileiro, fornecem pistas e suporte para pensar como as dinâmicas sociais marcadas por experiências de perdas, lutas e opressões corporificadas por marcadores sociais podem se desencadear na ausência de linguagem para falar de si e de expressão.

Audre Lorde (1980), no ensaio *A transformação do silêncio em linguagem em ação*[11], partilha uma experiência pessoal de aproximação da morte, descoberta de uma câncer de mama, que a faz refletir sobre seus próprios silêncios. No ensaio, autora, aponta que o silenciamento é fruto das relações sociais marcada por "tiranias cotidianas", ou seja, formas de opressões. Em sua perspectiva, o silêncio se mantêm por proteção; falar contém em si uma dinâmica de "auto-revelação" que, por ser insuportável, causa medo. Este medo tem suas raízes na construção da imagem da mulher negra durante a escravização de renúncia de si que provoca a distorção, social e subjetivamente, de sua imagem.

Em sua perspectiva, o silêncio expressa o medo da visibilidade e da própria humanização gerando o "medo do desprezo, da censura, do julgamento, ou do reconhecimento, do desafio, do aniquilamento". A autora também argumenta que a própria experiência política produz silenciamentos, na medida em que a mulher negra não é reconhecida na sua complexidade dentro dos movimentos que estaria inserida.

Já para bell hooks, no ensaio *Vivendo de Amor*, a experiência de escravização e pós-abolição geraram um aniquilamento da expressão afetiva, uma vez que a "sobrevivência estava muitas vezes determinada por sua capacidade de reprimir as emoções". Desta forma, não só expressar as emoções, mas também elaborá-las e colocá-la em discurso passa a ser perigoso, e neste sentido, conflui com a perspectiva de Lorde, do medo do aniquilamento. Ao levar sua análise para mulheres negras com expressão pública, hooks afirma que "aprendemos a negar nossas necessidades mais íntimas, enquanto desenvolvíamos nossa capacidade de confrontar a vida pública".

---

[10] O nome da escritora esta grafado em letras minúsculas, por preferência da autora, que deste modo, coloca a atenção em sua obra ao invés de sua personalidade.

Ainda neste mesmo texto, hooks aponta que, para a mulher negra, a falta de elaboração de suas experiências e sentimentos estaria na sua própria falta de definição interior, e talvez até reconhecimento deste universo. Tendo em vista que, ao senti-la e defini-la estaria colocando em xeque sua capacidade de sobrevivência, então, como estas poderiam ser comunicadas?

Outro suporte importante nos é oferecido pela antropóloga indiana Veena Das. No artigo "O ato de testemunhar" (2011), a autora conduz sua análise tendo como foco o contexto indiano, especialmente, o que se seguiu a partição do país com a formação do Estado nacional, concebido e imaginado como masculino. A construção da violência não como algo extraordinário, mas cotidiano, por meio de várias violações ao corpo feminino é um dos pontos aos quais ela se atém. Logo no inicio de seu trabalho Veena Das, questiona:

> O que isso fez à subjetividade das mulheres? Precisamos perguntar não só como a violência étnica ou comunal foi perpetrada por atos de violação específicos de gênero, como o estupro, mas também como as mulheres tomaram esses signos nocivos de violação e os re-ocuparam através do trabalho de domesticação, ritualização e re-narração (DAS, 2011:11).

As mulheres, em suas expressões corporificadas, configuram os signos dessa gramática violenta de gênero/nação, que orbita uma zona de silêncio. A própria autora utiliza-se de uma metáfora, elaborada pelas mulheres pesquisadas, que expressa sua vivência no mundo: "conhecimento venenoso". Trata-se de linguagem metafórica que serve também de escape para uma narrativa não direta, auto-revelatória, da violação. Em suas palavras,

> A formação do sujeito como sujeito com gênero é então moldada através de transações complexas entre a violência como momento originário e a violência que se infiltra nas relações correntes e se torna uma espécie de atmosfera que não pode ser expelida para "fora" (DAS, 2006: 15).

Este tipo de conhecimento, o venenoso, manifestava-se no cotidiano e nas formas de perceber a vida, construindo e constituindo as relações sociais, permitindo-lhes operar as experiências violentas no cotidiano, na reconstrução do dia-a-dia. Ainda em outro trabalho, "Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas wittgensteinianos" (1999), a autora nos oferece uma importante perspectiva sobre a violência, que, ao contrário de uma percepção do seu sentido, produzindo um estado

de alerta, uma vez que a mesma não é transparente, e não percebida pelos corpos em que é infligida. Em suas palavras:

> A imagem do estado de alerta na ocorrência da violência, da capacidade de resposta onde quer que ocorra na teia da vida, nos leva a perguntar se os atos de violência são transparentes (DAS, 1999: 31).

Neste sentido, ela nos leva a ampliar nossa compreensão sobre o silenciamento não como algo que expressa atos inomináveis, mas também da ausência de percepção da violência e do indizível "em contraste com essa plenitude de fala". Ou seja, como afirma em seu trabalho, Das "gostaria de apresentar um retrato de pobreza, especialmente de pobreza de palavras, e refletir acerca dessa pobreza como uma virtude" (DAS, 1999:31)

Soma-se a estas perspectivas o trabalho da antropóloga estadunidense Grace Cho que, em seu estudo sobre a diáspora coreana, busca compreender o complexo processo de produção do silêncio sobre a guerra da Coreia, desde os Estados Unidos. Ela demonstra como narrativas oficiais, cotidiano familiar e produção acadêmica se articulam no sentido de produzir um apagamento da brutal violência perpetrada neste país pelo exército norte-americano com o intuito de reforçar a imagem de uma guerra bem-sucedida em que os EUA se destacariam como salvadores, fazendo da guerra da Coreia uma *guerra esquecida*. No entanto, a autora demonstra, este esquecimento não se realiza por completo, ao contrário, ele é constantemente assombrado por fantasmas produzidas pelo próprio silenciamento.

Neste sentido, a figura da *yanggongju* (prostitutas dos acampamentos do exército norte-americano) é fundamental. A partir de fontes variadas e de um texto muito potente e distante de etnografias convencionais, a autora vai demonstrando como muitas dessas mulheres casaram com soldados americanos imigrando para os Estados Unidos. Cho afirma que a *yanggongju* é uma figura assombrosa e assombrada, transmitindo através do tempo a tristeza não reconhecida. A autora se refere ao trauma, trauma este que é transmitido através das gerações *de famílias assombradas* a partir do apagamento.

Assim, partindo da bibliografia mobilizada, é possível relacionar também a diáspora forçada como a desterritorialização, que produz um deslocamento subjetivo destes sujeitos, que no texto de Cidinha da Silva, aparece mediado pela experiência dolorosa da viagem, este passado que é corporificado na experiência racial no gênero

e do gênero no racial. Estes conteúdos estariam mobilizados na produção de uma particularidade que, talvez, não pode ser expressa, pelo medo do aniquilamento, mas também pelo aprendizado da negação de suas emoções e necessidades como forma de sobrevivência.

5. Hipóteses e objetivos

Partindo da bibliografia que foi mobilizada e das minhas vivências no campo construo como hipótese que o silenciamento das mulheres negras está relacionado com um processo de corporificação das categorias de gênero e raça que se traduz em suas narrativas tanto sobre a *diáspora* quanto sobre a *ancestralidade*. Parto da hipótese de que ambas se configuram como metáfora para o sentimento de travessia, deslocamento e não-lugar, uma vez que a discriminação racial atualiza o passado, num presente permanente, que impossibilita que as mulheres negras elaborarem discursivamente sua experiência.

Neste sentido, essa proposta de pesquisa tem por objetivo compreender a experiência de silenciamento das mulheres negras no momento de crescimento do feminismo negro e, consequentemente, dos espaços públicos nos meios políticos e acadêmicos, por meio do emaranhado das relações que constituem o cotidiano destas mulheres.

Os objetivos específicos são: a) acompanhar e realizar pesquisa etnográfica nos eventos realizados por e para mulheres negras na cidade de São Paulo, em especial na zona sul; b) realizar entrevistas com mulheres negras para compreensão da dinâmica de silenciamento e das experiências a ele relacionadas; c) articular a produção antropológica recente a cerca dos marcadores sociais da diferença e interseccionalidade para a compreensão da produção de sujeitos e seu emaranhado cotidiano.

6. Inspirações teórico-metodológicas

Um dos principais desafios metodológicos no campo é o fato de também fazer parte dele como ativista. Utilizando a expressão de Marilyn Strathern, “como se

conhece quando se está em casa?", pergunto-me como construir um trabalho antropológico que permita o diálogo não somente com o debate antropológico clássico e, igualmente, o grupo junto ao qual será realizada a pesquisa?

Pretendo traçar meu caminho etnográfico pela agenda dos diferentes coletivos de mulheres negras da zona sul de São Paulo[12] com seus debates, festas, saraus e demais atividades coletivas que promovem o encontro de diferentes grupos de mulheres com a finalidade de falar sobre si e de suas vivências na cidade. Acresço a isto a angústia de se propor a pesquisar o campo político que trará as ambiguidades e contradições do grupo pesquisado (que em parte também são as minhas).

Seguindo os passos de Kirin Narayan (1993), antropóloga indiana, que argumenta que nem todos possuem a mesma experiência social nem vivem situações comuns da mesma forma. Ao realizar a pesquisa de campo na comunidade de seu pai, , a autora, aponta o quão "nativa" ela é, ao ressaltar sua história pessoal e demonstrar que na comunidade onde ela trabalhou que as pessoas não são "iguais", não havendo uma perspectiva interna autêntica que represente todo o grupo. Assim, Narayan, aponta que não existe uma distinção tão estática entre antropólogos nativos e não-nativos. Perspectiva nem tão distante de Gilberto Velho (1992), que argumenta que o dissenso é vivido pelos indivíduos em uma mesma sociedade em diferentes níveis.

Esta dificuldade encontra um caminho metodológico a partir da ambiguidade observada por Gregori (1993), que aponta que, por um lado, o pesquisador e ativista ocupa lugar privilegiado, enriquecendo o olhar etnográfico; e, por outro lado, a tradicional identificação com seu objeto de estudo pode nublar sua percepção e a riqueza dos detalhes.

Antes de uma impossibilidade de realização da pesquisa etnográfica neste campo "minado", ele oferece como resposta "ler, reler, cruzar informações, suspeitar dos detalhes que nos parecem óbvios, observar gestos aparentemente banais e interpretar a cadeia de significados que se situa no imbricamento entre 'falas', discursos, gestos e ações" (Gregori, 1993:17-18).

---

[12] A periferia sul de São Paulo é composta pelos distritos de São Luís, Capão Redondo, Campo Limpo, Vila Andrade e Jardim Ângela um vasto território heterogêneo em todos seus aspectos. Segundo Mateuzi (2017) é fundamental abandonar noções homogeneizantes e estigmatizantes a cerca destas regiões, vistas, muitas vezes, como lugares de ausência, passividade, carência, marcadas pela pobreza e violência e evidenciar os arranjos e trânsitos destes sujeitos. Nascimento (2006) aponta como a produção cultural também alinha experiências e elaborações partilhadas sobre marginalidade e periferia criando um sentido de pertencimento e a positivação de seu estilo de vida. Neste cenário que se insere esta pesquisa, uma região de forte efervescência política e cultural que cunha a expressão como "zona sul, zona show".

7. Cronograma de desenvolvimento

Para execução deste projeto, todos os procedimentos descritos serão realizados conforme o plano e cronograma abaixo, com o prazo estipulado em quatro semestres para a realização da pesquisa e a escrita da dissertação.

Atividades/Mês	**Mar/Jun. 2018**	**Jul./Dez 2018**	**Mar/Jun. 2019**	**Jul./Dez 2019**	**Mar/Jun 2020**
Realização das disciplinas					
Revisão do projeto de pesquisa					
Revisão bibliográfica					
Trabalho de Campo					
Realização da prova de proficiência em língua inglesa					
Escrita da Dissertação					
Revisão e entrega da dissertação					

8. Bibliografia

ANTZE, P.; LAMBECK, M. *Introduction*. In Tense Past.Cultural Essays in Trauma and Memory.New York; London: Routledge, 1996

BARRETO, Raquel de Andrade. *Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça:* narrativas de libertação em Ângela Davis e Lélia Gonzalez. Mestrado em História (Dissertação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o Feminismo:* A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA, Takano Empreendedores Sociais e Cidadania (org.). Racismos Contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Ed., 2003

CHO, Grace M. *Haunting the Korean diaspora:* shame, secrecy, and the forgotten war, University of Minnesota Press, 2008.

DAS, Veena. Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas wittgensteinianos. Rev. bras. Ciências Sociais. vol.14, n.40, pp.31-42. 1999.

DAS, Veena. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. Cadernos Pagu 37, Campinas, p.9-41, 2011.

FASSIN, Didier. Racialization: how to do raceswithbody. In A Companion to the Anthropology of the Body and Embodiment. Ed. F. E. Mascia-Lees, Wiley-Blackwell, Oxford, UK, 2011.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987 [1964].

FRY, Peter. A persistência da raça: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. São Paulo: José Olympio, 1995 [1933]

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. *Revista Isis Internacional,* Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988.

GONZÁLES, Lélia. *Cultura, etnicidade e trabalho:* efeitos lingüísticos e políticos da exploração da mulher. Comunicação apresentada no VIII Encontro Nacional da Latin American Studies Association, realizado de 05 a 07 de abril em Pittsburgh (USA), 1979.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio. Racismo e anti-racismo no Brasil. Rio de Janeiro. Editora 34, 1995.

GREGORI, Maria Filomena. *Cenas e Queixas:* um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista. São Paulo: Paz e Terra/ANPOCS, 1993.

HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HERTZ, Robert. *A preeminência da mão direita:* um estudo sobre a polaridade religiosa. In: Sociedade e Religião. Rio de Janeiro: Tempo e presença. nº6, pp. 99-128, 1980.

HOOKS, Bell. *Vivendo de Amor*. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maísa; WHITE, Evelyn. (Org.). O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas; Criola, 2006.

LORDE, Audre. *Transformação do silêncio em linguagem e ação*. Disponível em: https://www.geledes.org.br/a-transformacao-do-silencio-em-linguagem-e-acao/. Consultado em 01 de outubro de 2017. (original, 1980).

MAUSS, Marcel. *As Técnicas Corporais*. In: Marcel Mauss, Sociologia e Antropologia, vol. 2. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MATEUZI, Milena. *Margem adentro:* políticas sociais, sujeitos e resistências na zona sul de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

MOORE, Henrietta L. *Fantasias de poder e fantasias de identidade:* gênero, raça e violência. *Cadernos Pagu*, Campinas, p. 13-44, 2000.

MOUTINHO, Laura. *Razão, "cor" e desejo*: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivos-sexuais "inter-raciais" no Brasil e na África do Sul. São Paulo, Editora da Unesp, 2004.

MOUTINHO, Laura. *Diferenças e desigualdades negociadas:* raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.42, p. 201-248, 2014.

MOUTINHO, Laura; ALVES, Valéria; MATEUZI, Milena. *Quanto mais você me nega, mais eu me reafirmo:* visibilidade e afeto na cena negra paulistana. Revista Tomo, n.28, 2016.

NARAYAN, Kirin. *How Native is a 'Native' Anthropologist?*. *American Anthropologist,* 1993.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *Literatura marginal:* os escritores da periferia entram em cena. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade de São Paulo, 2006.

OMI, M. and H. WINANT. *Racial Formation*. Racial Formation in the United States: Fromthe 1960s tothe 1990s*,* Routledge, 1994.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *"Branca para casar, mulata para f...., negra para trabalhar":* Escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador. 2006. 317 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Campinas, 2008.

RATTS, Alex. Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz do Nascimento. São Paulo: Impressa Oficial/Instituto Kuanza, 2007.

SCHWARCZ, Lilia. O espetáculo das raças. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Claudete Alves da Silva. *A solidão da mulher negra*: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

STRATHERN, Marilyn. *Os Limites da autoantropologia*. In Efeito Etnográfico, Editora Cosac Naify, 2014.

VELHO, Gilberto & VELHO, Otavio. *Duas Conferências*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1992.

IPEA. *Dossiê mulheres negras:* retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil / organizadoras: Mariana Mazzini Marcondes ... [et al.]. Brasília: IPEA, 2013.